



MEC
SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO SUPERIOR



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET-FARMÁCIA)

TUTORA: Profa. Dra. Leônia Maria Batista

BOLSISTA: Renan Morgan Kyrillos Reis

Resenha crítica: As Sufragistas

“As Sufragistas”, é um drama roteirizado por Abi Morgan, dirigido por Sarah Gavron e lançado em 2015. Esse longa-metragem possui 106 minutos de duração abordando a história da luta por direito ao voto das mulheres britânicas. Essa obra conta com grandes atrizes, dentre elas, Carey Mulligan, Anne-Marie Duff, Helena Bonham Carter, Natalie Press e Meryl Streep representando, respectivamente, as personagens principais Maud Watts, Violet Miller, Edith Ellyn, Emily Wilding Davison e Emmeline Pankhurst. Mesmo com esse elenco de peso e excelente produção, “As sufragistas” contou apenas com duas premiações de destaque, o British Independent Film Award: Melhor Ator Coadjuvante para Brendan Gleeson e o Prêmio do Cinema Europeu de Melhor Designer de Produção.

O filme tem sua história ambientada na Belle Époque britânica (período anterior à Primeira Guerra Mundial) em meados do ano de 1912. Período esse que a classe trabalhadora feminina encarava longas jornadas de trabalho incessante desde a infância. O desgaste laboral adjacente às políticas machistas estereotipadas da época colocava a mulher sempre em posição subalterna de dependência a um provedor emocionalmente estável, segundo o que se pensava na época, o homem. Pensamento esse que mesmo incubado ainda perdura ao longo dos anos.

Nessa acepção, a linearidade acompanha a jornada de vida da protagonista Maud Watts, senhora com família estabelecida e particularmente incomodada pelo seu trabalho árduo desde a infância em uma fábrica como sucessora de sua mãe. Maud, descontente com sua rotina, fica impressionada com um coletivo de mulheres, chamadas de “As sufragistas”, que buscam rebelar-se contra a não garantia da participação feminina no cenário sociopolítico londrino. Cansadas de por muitos anos tentarem alcançar respeito e espaço de maneira pacífica e infrutífera, buscam por meio de manifestações ávidas e truculentas, como a explosão de estabelecimentos e residências, serem ouvidas e respeitadas. Após presenciar manifestações pelas ruas, a Senhora Maud Watts decide integrar no movimento e com isso passa a entender que sua vida não seria mais a mesma, posto que os preconceitos, julgamentos e outras

formas de repressão já haviam começado a fazer parte do seu cotidiano, inclusive vindas do seu próprio esposo.

Nas primeiras participações públicas suscitando a ser presa pelas autoridades, Maud foi expulsa de casa e proibida de ver seu próprio filho, evidenciando o frágil direito das mulheres sobre seus filhos, o qual não era resguardado e o homem da casa ainda era aquele que ditava a vida da esposa e dos filhos. Mesmo com muito sofrimento, Maud não desistiu das revoluções e encarou tudo com mais afinco, indagando-se e percebendo que todos os anos em que ela vivera em paz, na verdade, era por não contestar o domínio masculino, dado que ela nunca tinha questionado a maneira como levava a vida. A partir do momento que começou a ir contra o pensamento dominante da época e as limitações que lhe eram impostas, foi duramente julgada, repreendida e excluída da sociedade.

Com isso, o filme torna-se mais denso e obscuro, uma vez que todas as opressões contra as mulheres vieram à tona, salientando a realidade injustificável das mulheres do século XX e como a batalha não seria simples e amena. Sob a liderança de Emmeline Pankhurst, ícone feminista histórico, os encontros do grupo tornaram-se cada vez mais perigosos, meticulosos e sorrateiros, as torturas sofridas na prisão passaram a ser mais violentas e surgiu a necessidade de elaborar planos mais radicais e abstrusos. Portanto, muitas integrantes acabaram desistindo por medo e receio de serem mortas. Não obstante, outras seguiram firmes e fiéis ao ideal de sua líder reconhecendo que sem ir à guerra nada muda, haja vista a luta justa não só por elas, mas também pelas futuras gerações de mulheres.

Ademais, visando toda essa carga emocional e moral, o filme trabalha com maestria de progressão, possibilitando ao espectador sentir cada angústia, cada trauma criado, cada situação sufocante que a repressão patriarcal proporciona. Para tanto, a imersão no cotidiano de Maud apresenta com excelência o contexto sócio-histórico da época, fazendo com que o espectador formule ideias, indagações e conexões com seus conhecimentos prévios da história do feminismo.

Diante do que foi apresentado, a produção cinematográfica contou com uma bela direção de arte ao produzir os cenários londrinos de época, além de contar com a atuação excepcional das atrizes. Logo, o filme mostra-se relevante por apresentar um material riquíssimo em impacto sociocultural, apresentando com maestria a luta pelos direitos femininos e o quão dura e necessária foi a batalha travada para se chegar ao cenário atual. Contudo, mesmo com um certo espaço e respeito ainda se tem muito a conquistar no âmbito dos direitos femininos.